

FICHA TÉCNICA

Título original: *In the Heart of the Sea*

Autor: *Nathaniel Philbrick*

Copyright © Nathaniel Philbrick, 2000

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria João da Rocha Afonso e Ana Cristina Pais*

Capa: *Imagem gentilmente cedida por NOS Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 400 016/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PREFÁCIO

23 de fevereiro de 1821

Qual gigantesca ave de rapina, o navio baleeiro avançava preguiçosamente ao longo da costa ocidental da América do Sul, zigzagueando no meio de um mar de óleo. Pois era assim o oceano Pacífico em 1821, um vasto campo de depósitos de óleo de sangue quente conhecidos por cachalotes.

A caça ao cachalote — as maiores baleias com dentes que existem — não era tarefa fácil. Seis homens largavam do navio num pequeno bote, remavam até junto da sua presa, arpoavam-na e tentavam esfaqueá-la até à morte com uma lança. A criatura de seis toneladas era capaz de destruir o baleeiro com um golpe da cauda, lançando os homens para a água fria do oceano, frequentemente a muitas milhas do navio.

Seguia-se a prodigiosa tarefa de transformar uma baleia morta em óleo: arrancavam-lhe a manta de gordura, cortavam-na e ferviam-na até a transformarem no óleo de alta qualidade que iluminava as ruas e lubrificava as máquinas da Era Industrial. O facto de tudo isto ser levado a cabo em pleno e interminável oceano Pacífico significava que os caçadores de baleias do início do século XIX não eram meros caçadores dos mares e trabalhadores de fábrica mas também exploradores, avançando cada vez até mais longe para o interior de uma vastidão muito pouco conhecida e maior do que toda a superfície sólida da Terra combinada.

Ao longo de mais de um século, o centro nevrálgico deste negócio de óleo global fora uma pequena ilha chamada Nantucket, vinte e quatro milhas ao largo da costa sul da Nova Inglaterra. Um dos paradoxos que definiam os caçadores de baleias de Nantucket era ser grande parte deles quacre, uma seita religiosa estoicamente dedicada ao pacifismo, pelo menos no que tocava à espécie humana. Combinando um rígido autocontrole com um sentido de missão quase sagrado, eram o que Herman Melville viria a chamar os «quacres vingadores».

Era o navio baleeiro de Nantucket *Dauphin*, ao fim de uns poucos meses do que viria a ser uma viagem de três anos, que avançava ao longo da costa do Chile. E naquela manhã de fevereiro de 1821, o vigia viu algo invulgar — um barco, impossivelmente pequeno para o mar alto, a oscilar nas vagas. O capitão do baleeiro, Zimri Coffin, de trinta e sete anos, assestou com viva curiosidade o seu óculo no misterioso objeto.

Depressa se apercebeu de que se tratava de um baleeiro — com duas proas e cerca de oito metros —, mas um baleeiro como nunca vira. A amurada tinha sido subida uns doze centímetros. Tinham montado dois mastros improvisados, transformando o barco a remos numa escuna rudimentar. As velas — rígidas do sal e com a cor comida pelo sol — tinham claramente impulsionado o barco ao longo de muitas, muitas milhas. Coffin não conseguiu ver ninguém na esparrela¹. Virou-se para o homem que estava à roda do leme do *Dauphin* e ordenou:

— Mantém o leme firme.

Sob o olhar atento de Coffin, o timoneiro levou o navio tão perto quanto possível da embarcação à deriva. Apesar do impulso que levavam os ter feito passar por ele com rapidez, os breves segundos em que o navio pairou sobre o barco aberto proporcionaram uma visão que ficaria com a tripulação para o resto das suas vidas.

Primeiro, viram ossos — ossos humanos — espalhados pelos bancos e tábuas, como se o baleeiro fosse a toca marítima de uma

¹ Remo colocado lateralmente no bordo de sotavento, que funciona como leme neste tipo de barcos. (NT)

besta feroz e devoradora de homens. Foi então que viram os dois homens. Estavam enrolados em pontos opostos do barco, com a pele coberta de feridas, os olhos protuberantes, a saltar das órbitas dos seus crânios, as barbas empastadas de sal e sangue. Chupavam o tutano dos ossos dos seus companheiros mortos.

Em vez de acolherem os seus salvadores com sorrisos de alívio, os sobreviventes — tomados de um delírio provocado pela sede e fome que os impedia de falar — mostraram-se perturbados, até mesmo assustados. Numa atitude ciumenta, agarraram com força, junto ao corpo, os ossos fragmentados e já mordidos com uma intensidade quase feral, recusando-se a entregá-los, quais cães esfomeados que dão consigo encurralados no fundo de um poço.

Mais tarde, após os sobreviventes terem recebido comida e água (e haverem finalmente largado os ossos), um deles encontrou dentro de si forças para contar a história. A narrativa estava pejada dos maiores pesadelos de um caçador de baleias: estar dentro de um barco muito longe de terra, sem nada para comer ou beber, e — talvez o pior de tudo — haver uma baleia com a capacidade de vingança e astúcia de um homem.

Mesmo estando quase totalmente esquecido nos nossos dias, o naufrágio do navio baleeiro *Essex*, provocado por um cachalote enraivecido, foi um dos mais conhecidos desastres marítimos do século XIX. Quase todas as crianças americanas leram o relato do caso na escola. Foi este acontecimento que inspirou a apoteótica cena do romance de Herman Melville, *Moby Dick*.

Mas o ponto em que o romance de Melville termina — o naufrágio do navio — foi apenas o início da história do desastre do *Essex* real. O naufrágio pareceu marcar o início de uma espécie de terrível experiência de laboratório concebida para avaliar que extremos o animal humano pode alcançar na sua batalha contra o mar selvagem. Dos vinte homens que escaparam à destruição do navio provocada pela baleia, apenas oito sobreviveram. Os dois homens salvos pelo *Dauphin* tinham navegado quase quatro mil e quinhentas milhas náuticas pelo Pacífico — pelo menos mais quinhentas milhas do que a épica viagem do capitão William Bligh num barco

aberto, após ter sido abandonado pelos amotinados da *Bounty*, e mais do que cinco vezes a distância percorrida por Sir Ernest Shackleton na sua igualmente famosa passagem para a ilha da Geórgia do Sul.

Durante quase cento e oitenta anos, a maior parte do que se sabia acerca da calamidade provinha das cento e vinte e oito páginas da obra *Narrativa do Naufrágio do Navio Baleeiro Essex*, escrita por Owen Chase, o primeiro imediato do navio. Havia ainda relatos fragmentários de outros sobreviventes, mas faltava-lhes a autoridade e a abrangência da narrativa de Chase, publicada com a ajuda de um escritor-fantasma, apenas nove meses após o resgate do primeiro imediato. Foi então que, por volta de 1960, se descobriu no sótão de uma casa em Penn Yan, Nova Iorque, um velho caderno de apontamentos. Foi só vinte anos mais tarde, em 1980, quando o caderno chegou às mãos do especialista em baleação de Nantucket Edouard Stackpole, que se percebeu que o dono original, Thomas Nickerson, fora o grumete do *Essex*. Anos após a catástrofe, Nickerson, então proprietário de uma hospedaria em Nantucket, fora instado por um escritor profissional chamado Leon Lewis, que pode ter sido um dos hóspedes de Nickerson, a escrever um relato do desastre. Em 1876, Nickerson enviou a Lewis o caderno que continha o único rascunho da sua narrativa. Por uma qualquer razão desconhecida, Lewis nunca trabalhou o manuscrito para o editar e acabou por o entregar a um vizinho, que morreu tendo-o ainda na sua posse. O relato de Nickerson acabou por ser publicado como monografia, numa edição limitada, pela Associação Histórica de Nantucket, em 1984.

Em termos de qualidade literária, a narrativa de Nickerson não tem comparação com o relato requintado de Chase. Fragmentário e sem linha narrativa definida, o manuscrito é obra de um amador, mas de um amador que esteve *lá*, ao leme do *Essex* quando o navio foi abalroado pela baleia. Com catorze anos, Nickerson fora o membro mais jovem da tripulação, e o seu relato é o de uma criança de olhos arregalados, à beira da idade adulta, de um órfão (perdeu ambos os pais antes de fazer dois anos) à procura de um lar. Tinha setenta e um anos quando, finalmente, decidiu assentar a caneta no

papel, mas Thomas Nickerson era capaz de olhar para trás, para esse período já distante, como se fosse o dia anterior, as suas memórias alimentadas por informações que adquirira em conversas com outros sobreviventes. No relato que se segue, é feita justiça a Chase, mas pela primeira vez a sua versão dos acontecimentos é posta em causa pela do seu grumete, cujo testemunho pode agora ser conhecido, cento e oitenta anos após o naufrágio do *Essex*.

Quando eu era criança, o meu pai, Thomas Philbrick, professor de Inglês na Universidade de Pittsburgh e autor de vários livros sobre a ficção americana ligada ao mar, muitas vezes nos adormecia, a mim e ao meu irmão, com a história da baleia que atacou um navio. O meu tio, o falecido Charles Philbrick, vencedor do Prémio de Poesia Wallace Stevens em 1958, escreveu um poema com quinhentos versos acerca do *Essex*, «Uma Labuta do Passado», publicado postumamente em 1976. Fazia uma poderosa evocação de «um passado que esquecemos ter de saber». Aconteceu que, dez anos mais tarde, em 1986, eu me mudei com a minha mulher e dois filhos para o porto de registo do *Essex*, a ilha de Nantucket.

Depressa descobri que Owen Chase, Herman Melville, Thomas Nickerson e o tio Charles não eram os únicos a terem escrito acerca do *Essex*. Havia o distinto historiador de Nantucket, Edouard Stackpole, que morreu em 1993, na altura em que eu estava a dar início à minha investigação. Havia Thomas Heffernan, autor de *História de Uma Baleia: Owen Chase e o Essex* (1981), uma obra académica indispensável, terminada mesmo antes da descoberta do manuscrito de Nickerson. Por fim, havia o fascinante romance de Henry Carlisle, *O Homem Jonas* (1984), que conta a história do *Essex* do ponto de vista do capitão do navio, George Pollard.

Mesmo depois de ter lido todos estes relatos do desastre, quis saber mais. Pensei nas razões por que a baleia agira como agiu, como a fome e a desidratação tinham afetado a capacidade de raciocínio dos homens; o que acontecera ali? Mergulhei profundamente nas experiências documentadas de outros baleeiros da época; estudei o canibalismo, a sobrevivência no mar, a psicologia e fisiologia

da fome, navegação, oceanografia, o comportamento dos cachalotes, a construção naval — tudo o que pudesse ajudar-me a compreender melhor o que aqueles homens tinham vivido no vasto e implacável oceano Pacífico.

Acabei por perceber que o desastre do *Essex* tinha dado a Melville muito mais do que um final para um dos maiores romances americanos alguma vez escritos. Dera-lhe testemunho dos mesmos problemas ligados a classe, raça, liderança e relação do Homem com a Natureza que o ocupariam ao longo de *Moby Dick*. Também dera a Melville um local arquetípico, mas real, de onde dar início à viagem do *Pequod*: uma ilha minúscula que em tempos concentrara em si as atenções do mundo. Implacavelmente aquisitiva, tecnologicamente avançada, com um sentido religioso do seu próprio destino, Nantucket era, em 1821, o que a América viria a ser. Ninguém imaginava que, em pouco mais do que uma geração, a ilha se desmoronasse — destruída, tal como o *Essex*, por uma ligação demasiado estreita à baleia.

TRIPULAÇÃO DO ESSEX

CAPITÃO

George Pollard, Jr.

PRIMEIRO IMEDIATO

Owen Chase

SEGUNDO IMEDIATO

Matthew Joy

ARPOADORES

Benjamin Lawrence • Obed Hendricks • Thomas Chappel

CAMAREIRO

William Bond

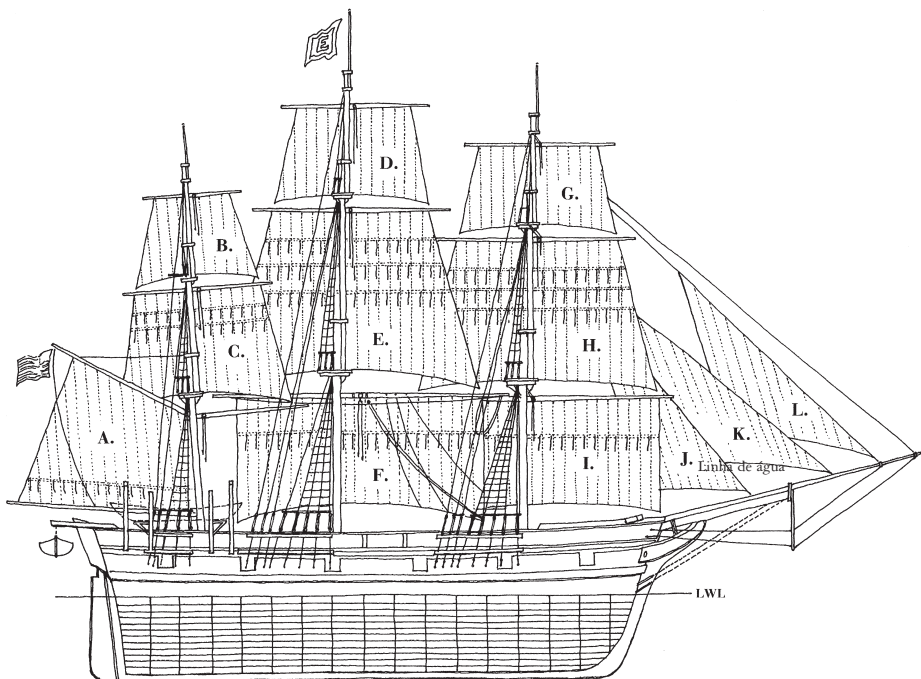
MARINHEIROS

*Owen Coffin • Isaac Cole • Henry De Witt
Richard Peterson • Charles Ramsdell • Barzillai Ray
Samuel Reed • Isaiah Sheppard • Charles Shorter
Lawson Thomas • Seth Weeks • Joseph West
William Wright*

GRUMETE

Thomas Nickerson

Plano de armação do navio baleeiro *Essex*



A. Vela da mezena

B. Vela da sobregata

C. Vela da gata

D. Vela da gávea alta

E. Vela da gávea grande

F. Vela grande

G. Vela de proa

H. Velacho

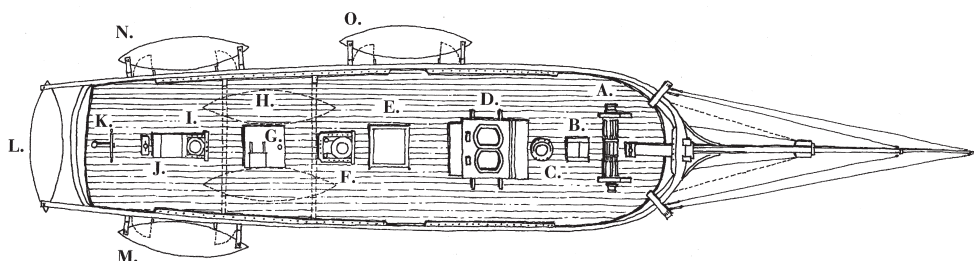
I. Vela de traquete

J. Vela de estai

K. Vela da bujarrona

L. Giba

Plano da coberta do navio baleeiro *Essex*



- | | | |
|---------------------------------|--|-------------------------------|
| A. Cabrestante | G. Cozinha | K. Roda do leme |
| B. Escada do castelo
de proa | H. Baleeira de reserva
montada num
cavalete alto | L. Escaler da popa |
| C. Traquete | I. Mastro da mezena | M. Bote de estibordo |
| D. Traióis ² | J. Escada de popa | N. Bote de bombordo |
| E. Escotilha principal | | O. Bote do segundo
mediato |
| F. Mastro grande
e bombas | | |

² Caldeiras adossadas, assentes sobre uma fornalha, onde se derretia a manta de gordura para extração do óleo. Informação prestada pelo Museu dos Baleeiros, ilha do Pico, Açores. (NT)

CAPÍTULO UM

Nantucket



Foi, recordou-se mais tarde, «o momento mais agradável da minha vida» — o momento em que pôs o pé a bordo do navio baleeiro *Essex* pela primeira vez. Tinha catorze anos, um nariz largo, uma face aberta e ávida e, como todos os rapazes de Nantucket, tinha aprendido a «idolatrar a forma de um navio». O *Essex* podia não ter grande aspeto, despojado do cordame e amarrado à doca, mas para Thomas Nickerson era uma embarcação de oportunidades. Finalmente, ao fim do que lhe parecera uma espera interminável, Thomas Nickerson ia para o mar.

O sol quente de julho batia nas madeiras velhas, ensopadas de óleo, tornando insuportável a temperatura no porão, mas Nickerson explorou cada fenda, da base de tijolo dos traióis que estavam a montar no convés até ao negrume das profundezas do porão vazio. Entre os dois existia um patamar intermédio, muito cheio de estalidos, compartimentado, uma coisa viva de carvalho e pinho que tresandava a óleo, sangue, seiva de tabaco, comida, sal, bolor, alcatrão e fumo.

«[P]or muito negro e feio que fosse», escreveu Nickerson, «eu não o trocava por um palácio.»

Em julho de 1819, o *Essex* era um dos mais de setenta navios da frota de baleeiros de Nantucket nos oceanos Pacífico e Atlântico. Com os preços do óleo a subir consistentemente e o resto da economia mundial mergulhada numa depressão, a aldeia de Nantucket estava a caminho de se tornar uma das cidades mais ricas da América.

A comunidade, de cerca de sete mil pessoas, vivia na suave encosta de um monte cheio de casas e encimado por moinhos de vento e pelas torres da igreja. Fazia lembrar, diziam algumas pessoas, o elegante e estabelecido porto de Salém — um elogio notável para uma ilha a mais de vinte milhas ao largo, no Atlântico, abaixo de Cape Cod. Mas se a cidade, no alto do seu monte, irradiava uma quase etérea sensação de calma, a frente junto ao mar, mais abaixo, fervilhava de atividade. Saindo por entre os compridos e baixos armazéns e passagens de corda, quatro sólidos pontões de pedra projetavam-se até mais de cem metros para dentro do porto. Presos por correntes aos pontões ou ancorados no porto, viam-se habitualmente entre quinze e vinte baleeiros, a juntar a dezenas de embarcações mais pequenas, sobretudo corvetas e escunas que transportavam mercadoria de e para a ilha. Cada pontão era um labirinto de âncoras, potes de derreter a gordura, mastros e barris de óleo e encontrava-se apinhado de marinheiros, estivadores e artesãos. Carros de duas rodas, puxados por cavalos e conhecidos por caleças, iam e vinham incessantemente.

Era uma cena já familiar a Thomas Nickerson. As crianças de Nantucket havia muito que usavam as docas como zona de recreio. Remavam em botes baleeiros decrépitos de um lado para o outro no porto e trepavam pelos aprestos dos navios. Para quem vinha de fora, tornava-se óbvio que estas crianças constituíam «uma classe específica de jovens, habituados a considerarem-se marinheiros predestinados... Trepavam pelas enfrechaduras como macacos — miúdos de dez ou doze anos — e estendiam-se nas extremidades das vergas com a mais completa descontração». O *Essex* podia ser o primeiro navio de Nickerson, mas tinha andado a preparar-se para a viagem durante quase toda a sua vida.

Não partia sozinho. Os seus amigos Barzillai Ray, Owen Coffin e Charles Ramsdell, todos eles entre os quinze e os dezoito anos, iam também embarcar no *Essex*. Owen Coffin era primo do novo capitão do *Essex* e provavelmente teria encaminhado os amigos para o navio do familiar. Nickerson era o mais jovem do grupo.

O *Essex* era velho e, com vinte e sete metros de comprimento, de duzentas e trinta e oito toneladas, relativamente pequeno, mas

em Nantucket gozava da reputação de ser um navio de sorte. Durante a última década e meia, tinha-se saído bem, segundo os seus donos quacres, regressando regularmente de dois em dois anos com óleo suficiente para os tornar ricos. Ao longo de quatro campanhas, Daniel Russell, o anterior capitão, tivera sucesso suficiente para lhe atribuírem o comando de um navio maior e mais recente, o *Aurora*. A promoção de Russell permitira que o antigo primeiro imediato, George Pollard, Jr., assumisse o comando do *Essex* e um dos timoneiros (ou arpoadores), Owen Chase, subisse a primeiro imediato. Três outros membros da tripulação foram promovidos à posição de arpoadores. Não sendo apenas um navio com sorte mas também aparentemente feliz, o *Essex* era, segundo Nickerson, «no seu todo, um navio mais desejável do que o contrário».

Uma vez que Nantucket era, como tantas outras povoações marítimas da altura, uma comunidade obcecada com presságios e sinais, uma reputação destas contava muito. Mesmo assim, houve algumas conversas entre os homens nas docas quando, no início de julho, enquanto o *Essex* estava a ser reparado e aparelhado, um cometa surgiu no céu noturno.

Nantucket era uma cidade em que as pessoas viviam nos telhados. Em quase todas as casas, com as telhas de madeira pintadas de vermelho ou deixadas a ganhar a cor cinzenta conferida pelo tempo, havia uma plataforma montada no telhado conhecida como o caminho. Apesar de o fim a que se destinava ser facilitar a extinção de incêndios na chaminé com baldes de areia, o caminho era também um local excelente para olhar para o mar por um óculo, em busca das velas dos navios que regressavam. Durante a noite, era frequente que os óculos de Nantucket fossem apontados para o firmamento e, em julho de 1819, os habitantes da ilha estavam a olhar para o céu a noroeste. O mercador quacre Obed Macy, que tinha registos minuciosos do que ele determinava serem «os acontecimentos mais extraordinários» da vida da sua ilha, observava o céu na sua casa em Pleasant Street. «Pensa-se que o cometa (que surge em todas as noites limpas) é muito grande devido à sua cauda invulgarmente longa», escreveu, «que se estende para cima,

opondo-se ao Sol numa posição quase perpendicular e desliza para oriente, quase apontando para a Estrela do Norte.»

Desde tempos imemoriais que a aparição de um cometa era interpretada como um sinal de que algo incomum estava prestes a acontecer. O *New Bedford Mercury*, o jornal que os habitantes de Nantucket liam à falta de um título da terra, comentara: «É bem verdade que a aparição destes excêntricos visitantes precedeu sempre um qualquer acontecimento notável.» Mas Macy resistiu a tal tipo de especulação: «[D]eixamos a argumentação filosófica para a parte científica da comunidade, mas, contudo, está fora de dúvida que os mais sabedores detêm indubitavelmente muito pouco saber acerca do tema da cometologia.»

Havia grande especulação nos molhes e escritórios de navegação, e não se discutia só o cometa. Ao longo de toda a primavera e verão, por toda a costa da Nova Inglaterra, havia sido avistado o que o *Mercury* descreveu como «um extraordinário animal marinho» — uma serpente com olhos pretos, como os de um cavalo, e um corpo com quinze metros que fazia lembrar uma fila de barris a flutuar na água. Qualquer marinheiro, especialmente sendo jovem e impressionável como Thomas Nickerson, deve ter-se interrogado, nem que fosse fugazmente, se era, de facto, a melhor altura para se dar início a uma viagem que iria além do cabo Horn.

Os habitantes de Nantucket tinham boas razões para ser supersticiosos. As suas vidas eram regidas por uma força de uma terrível imprevisibilidade — o mar. Devido à constante deriva do sistema de baixios, incluindo a Barra de Nantucket mesmo a seguir à saída do porto, o simples ato de ir e vir da ilha era muitas vezes uma lição assustadora e ocasionalmente catastrófica da arte de navegar. Particularmente no inverno, quando as tempestades eram mais violentas, quase todas as semanas havia um naufrágio. Enterrados um pouco por toda a ilha estavam os corpos de marinheiros anónimos que tinham dado à costa nas suas praias fustigadas pelas vagas. Nantucket, que significa «terra distante» na língua dos habitantes nativos, os wampanoag, era um monte de areia erodindo para um oceano inexorável, e todos os que aí residiam, mesmo que nunca tivessem saído da ilha, tinham uma consciência aguda da desumanidade do mar.

Os colonos ingleses de Nantucket, que começaram a chegar em 1659, vinham cientes dos perigos do mar. Tinham chegado com a esperança de se sustentarem não como pescadores, mas como lavradores e pastores neste crescente cheio de erva e lagos, sem lobos. Contudo, à medida que o tamanho dos rebanhos crescera, a juntar ao aumento do número de quintas, ameaçando transformar a ilha numa terra árida batida pelo vento, os habitantes de Nantucket haviam inevitavelmente começado a olhar para o mar.

A cada outono, centenas de baleias-francas apareciam no lado sul da ilha e aí permaneciam até ao início da primavera. Assim chamadas porque eram «a baleia certa para matar»³, as baleias-francas cruzavam as águas ao largo de Nantucket e faziam lembrar gado marinho, coando a superfície do oceano, rica em nutrientes, pelas placas espessas das barbas dentro do eterno sorriso das suas bocas. Apesar de os colonos ingleses de Cape Cod e da costa leste de Long Island já há décadas caçarem as baleias-francas, em Nantucket ninguém tivera a coragem de perseguir baleias com barcos. Em vez disso, deixavam a recolha das baleias que davam à costa (conhecidas como baleias flutuantes) para os wampanoag.

Por volta de 1690, um grupo de habitantes de Nantucket estava de pé, numa colina, a olhar para o oceano, onde algumas baleias soltavam esguichos e brincavam umas com as outras. Um dos observadores fez um gesto com a cabeça indicando as baleias e a extensão do oceano.

— Ali — afirmou — estão os verdes prados onde os netos dos nossos filhos irão buscar alimento. — No cumprimento desta profecia, um homem de Cape Cod, que tinha por nome Ichabod Paddock, foi instado a cruzar Nantucket Sound⁴ para vir instruir os insulares na arte de matar baleias.

Os primeiros barcos tinham apenas seis metros de comprimento e largavam das praias da costa sul da ilha. A tripulação típica consistia em cinco remadores wampanoag, com um único homem

³ Trocadilho impossível de traduzir uma vez que, em inglês, baleia-franca se chama «right whale». Daí a ideia de ser a baleia certa para matar.

⁴ Zona do oceano Atlântico, de forma mais ou menos triangular, que tem Cape Cod a norte, Nantucket a sul e Martha's Vineyard a oeste. (NT)

branco de Nantucket na esparrela. Uma vez morta a baleia, arrastavam-na para a praia, onde removiam a manta e a ferviam para extrair o óleo. No início do século XVIII, os ingleses de Nantucket tinham instituído um sistema de servidão de dívidas que lhes garantia um fornecimento constante de mão de obra wampanoag. Sem os habitantes nativos, que até meados de 1720 excediam a população branca, a ilha nunca se teria tornado um florescente porto de baleação.

No ano de 1712, um tal capitão Hussey, navegando no seu barquinho ao longo da costa sul de Nantucket à procura de baleias-francas, foi atirado para o mar alto por uma forte e glacial ventania, vinda de norte. A muitas milhas da costa, avistou um grande número de baleias de uma espécie que nunca tinha visto. Em vez de terem um jato vertical como as baleias-francas, o jato destas baleias descrevia uma curva para a frente. Não obstante os fortes ventos e o mar alteroso, Hussey conseguiu arpoar e matar uma das baleias, cujos sangue e óleo acalmaram as vagas de uma forma quase bíblica. Esta criatura, Hussey depressa percebeu, era um cachalote, um destes espécimes aparecera na ilha, na costa sudoeste, poucos anos antes. Não só o óleo que se conseguia tratando a gordura do cachalote era muito superior ao da baleia-franca, proporcionando uma luz muito mais limpa e brilhante, mas também a sua cabeça, em forma de bloco, continha um grande reservatório de um óleo ainda melhor, chamado espermacete, que podia ser simplesmente passado à concha para dentro de um barril disponível. (Foi a semelhança do espermacete com o líquido seminal que deu origem ao nome do cachalote.)⁵ O cachalote podia ser mais rápido e mais agressivo do que a baleia-franca, mas trazia muito mais enriquecimento. Sem outros meios de subsistência, os habitantes de Nantucket dedicaram-se à caça obstinada do cachalote, e depressa ultrapassaram os seus baleeiros rivais do continente e de Long Island.

Em 1760, os habitantes da ilha tinham praticamente dizimado toda a população local de baleias. Mas não interessava — nessa

⁵ O significado deste comentário perde-se em português. Em inglês, o cachalote chama-se «*sperm whale*» (baleia esperma, literalmente). (NT)

altura já tinham aumentado os seus navios baleeiros, equipando-os também com traíóis de tijolo capazes de extrair o óleo em alto-mar. Agora, e uma vez que não precisavam de regressar ao porto com tanta frequência para descarregar a volumosa gordura, a sua frota tinha um alcance muito maior. Quando rebentou a Revolução Americana, os baleeiros de Nantucket tinham já chegado à beira do círculo polar ártico, à costa ocidental de África, à costa oriental da América do Sul e, para sul, às ilhas Falkland.

Num discurso ao Parlamento em 1775, o estadista britânico Edmund Burke considerou os habitantes da ilha como os líderes de uma nova raça americana — um «povo recente» cujo sucesso na baleação excedera o poder coletivo de toda a Europa. Vivendo numa ilha situada quase à mesma distância do continente do que a Inglaterra de França, os habitantes de Nantucket desenvolveram um sentimento britânico de identidade enquanto povo diferente e superior, cidadãos privilegiados que Ralph Waldo Emerson designava como «a Nação de Nantucket».

A revolução e a guerra de 1812, quando a marinha britânica se dedicou à pilhagem dos navios em alto-mar, revelaram-se desastrosas para a caça à baleia. Felizmente, os habitantes de Nantucket dispunham de capital suficiente e intrínsecos conhecimentos de baleação para sobreviver a estas provações. Em 1819, Nantucket estava lançada no caminho da recuperação, e quando os homens se aventuraram no Pacífico, superou até a sua glória anterior. Mas o aumento das capturas de cachalotes no Pacífico teve uma consequência infeliz. Em vez de campanhas que, em tempos, duravam em média nove meses, as viagens de dois ou três anos tornaram-se a regra. Nunca a divisão entre os baleeiros de Nantucket e o resto da população fora tão grande. Longe iam os dias em que os ilhéus observavam da praia os homens e rapazes a perseguirem a baleia. Nantucket era agora a capital mundial da caça à baleia, mas um número considerável dos seus habitantes nunca pusera os olhos numa baleia.

No verão de 1819, as pessoas falavam ainda do tempo em que, nove anos antes, um pequeno grupo de baleias-francas fora avistado a norte da ilha. As baleeiras foram lançadas à água com rapidez.

Na praia, reuniu-se um grupo de pessoas que observou, fascinado, duas baleias serem mortas e rebocadas para o porto. Para a gente de Nantucket foi uma epifania. Aqui estavam finalmente duas das criaturas de que tanto ouviam falar, criaturas de que o seu sustento dependia. Uma das baleias foi puxada para o molhe, e antes do dia terminar milhares de pessoas — incluindo, quem sabe, Thomas Nickerson, de cinco anos — tinham vindo observá-la. Só podemos imaginar a força da curiosidade dos habitantes da ilha ao olhar para a gigantesca criatura, enquanto lhe iam tocando, espetando um dedo, dizendo para si mesmos «Então é isto».

Nantucket criara um sistema económico que já não dependia dos recursos naturais da ilha. O solo há muito que se encontrava esgotado devido à sobre-exploração agrícola. A numerosa população wampanoag estava reduzida a uma mão-cheia de pessoas, dizimada que fora por epidemias, forçando os armadores a contratar pessoal no continente. As baleias quase que haviam desaparecido por completo das águas da zona. E, ainda assim, os ilhéus prosperavam. Como observou um visitante, a ilha tornara-se «um banco de areia árido, fertilizado exclusivamente com óleo de baleia».

Durante o século XVII, os ingleses de Nantucket resistiram a todas as tentativas de se estabelecer uma igreja na ilha, em parte porque uma mulher, de nome Mary Coffin Starbuck, o proibiu. Dizia-se que nada de importante se fazia em Nantucket sem a anuência de Mary. Mary Coffin e Nathaniel Starbuck tinham sido o primeiro casal inglês a casar na ilha, em 1662, e haviam criado um lucrativo posto avançado para trocas comerciais com os wampanoag. Sempre que um ministro itinerante aportava em Nantucket à procura de estabelecer uma congregação, era firmemente rechaçado por Mary Starbuck. Foi então que, em 1702, Mary sucumbiu a um carismático ministro quacre, chamado John Richardson. Falando perante um grupo reunido na sala de estar dos Starbuck, Richardson conseguiu comover Mary até às lágrimas. Foi a conversão de Mary Starbuck ao credo quacre que estabeleceu a fusão única de espiritualidade e ganância que permitiu que Nantucket crescesse enquanto porto de baleação.

Os quacres, ou, mais propriamente, os membros da Sociedade dos Amigos, dependiam da sua experiência individual da presença de Deus, a «Luz Interior», para a sua orientação espiritual em vez de confiar na interpretação das Escrituras feita por um ministro puritano. Mas os indivíduos que constituíam o crescente número de quacres de Nantucket dificilmente se podiam considerar espíritos livres. Esperava-se que os amigos acolhessem uma série de regras de comportamento determinada durante as reuniões anuais, encorajando um sentimento de comunidade que era tão cuidadosamente controlado como o de qualquer outra sociedade de Nova Inglaterra. Se havia alguma diferença, era a crença dos quacres no pacifismo e uma rejeição consciente da ostentação mundana — dois princípios que não se desejava que interferissem, fosse como fosse, na capacidade de fazer dinheiro de cada um. Em vez de construírem casas vistosas ou comprarem roupa elegante, os quacres de Nantucket reinvestiam os seus ganhos na indústria da baleia. Como resultado, conseguiram compensar os desaires que levaram à falência tantos comerciantes do continente e os filhos de Mary Starbuck, juntamente com os seus primos Macy e Coffin, depressa criaram uma dinastia baleeira quacre.

Os habitantes de Nantucket não viam qualquer contradição entre a sua forma de vida e a sua religião. O próprio Deus lhes tinha dado domínio sobre os peixes do mar. Peleg Folger, um baleeiro de Nantucket feito ancião quacre, exprimiu isto em verso:

E Tu, Senhor, criaste a baleia poderosa,
Esse monstro de grandeza prodigiosa;
Com cabeça, corpo, e cauda de grande vastidão,
Cuja força desmedida ultrapassa a imaginação.

Mas, Deus Eterno, ordem Tua recebemos
Que, pobres mortais, muito nos esforçemos
(Tendo esposas e prole a alimentar)
Para do monstro terrífico a raiva suportar.

* * *

Mesmo atendendo a que os quacres de Nantucket dominavam a ilha em termos económicos e sociais, abriu-se espaço para outros, e no início do século XIX havia duas torres de igrejas congregacionistas, limitando a cidade a norte e a sul. No entanto, todos partilhavam uma missão comum, imbuída de espiritualidade — manter uma vida pacífica em terra ao mesmo tempo que se provocavam tumultos sangrentos no mar. Assassinos pacifistas, milionários humildemente vestidos, os caçadores de baleias de Nantucket limitavam-se a cumprir a vontade de Deus.

A cidade que Thomas Nickerson conhecia transmitia uma sensação de decrepitude. Bastava uma simples caminhada pelas estreitas ruas arenosas para descobrir que, não obstante as imponentes torres das igrejas e uma ou outra mansão esporádica, Nantucket estava a grande distância de Salém. «Os bons cidadãos de Nantucket não parecem ter orgulho na regularidade das suas ruas [ou] na limpeza dos seus passeios», notou um quacre que estava ali de passagem. As casas, despretensiosas, estavam cobertas de telhas de madeira e, em grande parte dos casos, incluíam pedaços retirados de barcos. «[As] escotilhas dão belos apoios para caleiras...; uma prancha da popa de um navio — com o nome pintado — serve o duplo propósito de fazer uma vedação — e informar o forasteiro de que *pode* estar baralhado... quanto à cidade em que se encontra.»

Em vez de usar os nomes oficiais das ruas atribuídos por razões fiscais em 1798, os habitantes referiam a «Elisha Bunker Street» ou «do capitão Mitchell». «Os habitantes vivem em comunidade como uma grande família», escreveu o habitante de Nantucket Walter Folger, que, por acaso, era dono de parte do *Essex*, «não numa mesma casa, mas em amizade. Não só conhecem os seus vizinhos mais próximos, mas cada um conhece todos os outros. Se alguém procura por um homem qualquer, só tem de perguntar ao primeiro habitante que encontrar e ele será capaz de o conduzir até à sua residência, dizer-lhe que ocupação tem, bem como qualquer outro pormenor que deseje saber.»

No entanto, mesmo dentro desta sociedade tão unida e familiar, havia distinções, e Thomas Nickerson estava do lado de fora a olhar

para o interior. A infeliz verdade era que, ao mesmo tempo que a mãe de Nickerson tinha nascido em Nantucket, o pai, Thomas Nickerson, nascera em Cape Cod e Thomas Junior em Harwich, em 1805. Seis meses depois, os pais mudaram-se: pegaram nele e nas irmãs e cruzaram o Nantucket Sound. Foi demasiado tarde. Os ilhéus tinham uma opinião negativa dos que não eram da ilha. Chamavam-lhes «estrangeiros» ou, ainda pior, «*coof*», um termo pejorativo normalmente reservado aos naturais de Cape Cod, mas alargado para incluir todos os que tinham a pouca sorte de ter nascido no continente.

Caso a mãe proviesse de uma das famílias antigas, e ostentasse um apelido do tipo Coffin, Starbuck, Macy, Folger ou Gardner, talvez Thomas Nickerson tivesse gozado de alguma consideração. Mas não era o caso. Numa ilha em que muitas famílias podiam afirmar descender de um dos vinte e poucos «colonizadores», os Gibson e os Nickerson não dispunham da rede de parentes que sustinha grande parte dos habitantes de Nantucket.

— Talvez não exista mais nenhum lugar no mundo de magnitude igual — declarou Obed Macy —, onde os habitantes [estejam] tão ligados pela consanguinidade como este, o que acrescenta bastante à harmonia do povo e à sua ligação a este local.

Os amigos e companheiros de navio de Nickerson, Owen Coffin, Charles Ramsdell e Barzillai Ray, contavam-se entre os membros deste grupo. Thomas podia divertir-se com eles, ir para o mar com eles, mas lá bem no seu íntimo sabia que, por muito que se esforçasse, não passava, quando muito, de um «*coof*».

A zona onde uma pessoa morava em Nantucket dependia da sua posição no negócio da baleação. Se fosse armador ou comerciante, era mais do que provável que vivesse em Pleasant Street, na parte de trás da cidade, na encosta, o mais longe possível do barulho e fedor das docas. (Em décadas posteriores, quando as suas ambições exigiram um espaço maior e mais visibilidade, estas sumidades gravitariam em torno da Main Street.) Os capitães, pelo contrário, tinham tendência para escolher a via com melhor vista sobre o porto: Orange Street. Com uma casa no lado nascente de Orange Street, um capitão podia ver o seu navio ser aparelhado na doca e

manter-se ao corrente da atividade do porto. Por regra, os imediatos viviam no sopé da encosta («à sombra do talude», como se dizia), na Union Street, literalmente à sombra das casas que sonhavam vir a ter um dia.

Na esquina das Main e Pleasant Streets, ficava a imensa Casa de Reuniões dos Amigos Sul, construída em 1792 com bocados da ainda maior Grande Casa de Reuniões, que em tempos dominara o campo sem pedras do Cemitério Quacre no extremo da Main Street. O facto de Nickerson ter sido educado como congregacionista, não significava que nunca tivesse entrado nesta ou na outra casa de reuniões quacre da Broad Street. Um visitante afirmou que quase metade das pessoas que compareciam a um típico encontro quacre não eram membros da Sociedade dos Amigos.

No início daquele verão, no dia 29 de junho, Obed Macy registou que duas mil pessoas (mais de um quarto da população da ilha) tinham comparecido a um encontro quacre público na Casa de Reuniões Sul.

Se bem que grande parte dos ali presentes estivesse para benefício da sua alma, os adolescentes e jovens com vinte e poucos anos tinham tendência para pensar noutros motivos. Nenhum outro local em Nantucket oferecia uma melhor oportunidade para os jovens se encontrarem com elementos do sexo oposto. O ilhéu Charles Murphey descreveu num poema a forma como os rapazes da sua idade usavam os longos intervalos de silêncio de uma típica reunião quacre:

Sentado, com a ansiosa visão virada
Para toda a beleza ali congregada
E ver, maravilhado, durante o encontro
As suas várias formas com que me defronto.

Outro ponto de encontro para os jovens apaixonados era o cume dos montes por trás da cidade, onde se erguiam os quatro moinhos de vento. Nesse local, os casais podiam admirar uma fantástica vista da cidade e do porto de Nantucket, com o farol novinho em folha no final de Great Point visível à distância.

O surpreendente era a pouca frequência com que os habitantes de Nantucket, mesmo os jovens e aventureiros, como Nickerson e companhia, vagueavam para além dos portões da cidadezinha.

«Apesar de [a ilha] ser muito pequena», admitiu, numa carta, um comerciante de óleo de baleia, «nunca estive no extremo oriental ou ocidental, e de há alguns anos para cá, atrevo-me a dizer, nunca me encontrei a mais de um quilómetro da cidade.» Num mundo de baleias, serpentes marinhas e sinais de mau agoiro no céu noturno, todos os ilhéus, baleeiros e lavradores, olhavam para a cidade como um santuário, um lugar fechado de rotinas familiares e remotas alianças intemporais, um local a que chamar lar.

Por baixo da fachada quacre de Nantucket, agitavam-se as paixões. A vida podia parecer controlada e tranquila enquanto centenas, por vezes milhares, de pessoas se dirigiam para as reuniões, todas as quintas e domingos; os homens envergando os seus casacos compridos escuros e chapéus de aba larga e as mulheres de vestido comprido e toucas meticulosamente feitas. Havia, no entanto, fatores, para lá do quarismo e de uma herança comum, que também impulsionavam a psique de Nantucket: em particular, uma obsessão pela baleia. Por muito que os habitantes tentassem escondê-la, havia nesta ilha uma selvajaria, uma sede de sangue e orgulho que unia todas as mães, pais e filhos num empenho tribal na caçada.

O condicionamento de um jovem de Nantucket tinha início na mais tenra idade. As primeiras palavras que ensinavam a um bebé incluíam a linguagem da caça — por exemplo, «*townor*», a palavra wampanoag que significava que a baleia fora avistada pela segunda vez. As histórias para dormir narravam a matança da baleia e a fuga aos canibais no Pacífico. Uma mãe contava com ar de aprovação como o seu filho de nove anos tinha prendido um garfo à ponta de um novelo de fio de algodão de pontear e, de seguida, se dedicara a arpoar o gato da família. A mãe entrou na sala no instante em que o aterrorizado animal tentava escapar e, sem ter a certeza da situação em que se via envolvida, agarrou no novelo de algodão. Qual arpoador veterano, o rapaz berrou:

— Larga, mãe! Larga! Lá vai ela pela janela!

Corria o rumor de que existia na ilha uma sociedade secreta de jovens mulheres que tinham feito o juramento de só casar com homens que tivessem matado uma baleia. Para ajudar estas jovens a identificá-los como caçadores, os arpoadores usavam *chockpins* (pequenas cavilhas de carvalho usadas para manter a linha do arpão presa no sulco do arco de um navio baleeiro) na lapela. Os arpoadores, soberbos atletas com a perspectiva de conseguirem lucrativos postos de capitão, eram considerados o melhor partido entre os solteiros de Nantucket.

Em vez de beber um copo à saúde de alguém, um habitante de Nantucket propunha invocações de uma natureza mais sombria:

Morte aos vivos,
Longa vida aos que matam,
Sucesso às esposas dos marinheiros
E oleosa sorte aos baleeiros.

Apesar da bravata desta curta cançoneta, a morte era um facto da vida com que os ilhéus tinham bastante familiaridade. Em 1810, havia quarenta e sete crianças órfãs de pai em Nantucket, ao mesmo tempo que quase um quarto das mulheres com mais de vinte e três anos (a idade média com que casavam) já enviudara por causa do mar.

Na sua velhice, Nickerson ainda visitava os túmulos dos pais no Cemitério Antigo do Norte. Sem dúvida que, em 1819, durante as últimas semanas antes da sua partida a bordo do *Essex*, ele foi até esse terreno vedado, de relva queimada pelo sol, e caminhou por entre as lápides inclinadas. O pai de Nickerson fora o primeiro a morrer, em 9 de novembro de 1806, com trinta e três anos. Na sua lápide lia-se:

Qual traça sob a Tua mão esmagados
Ao mísero pó retornamos
Nossos débeis poderes agora acabados
E da beleza nada guardamos.

A mãe de Nickerson, que dera à luz cinco filhos, morrera menos de um mês mais tarde, aos vinte e oito anos. A filha mais velha que sobrevivera tinha oito anos; o único filho ainda não fizera dois. O seu epitáfio dizia:

Nossa vida mortal decai e cessa
A bolha rebenta veloz, depressa
Adão e a sua numerosa raça
Não são mais que vaidade e fumaça.

Nickerson, que fora criado pelos avós, não era o único órfão a bordo do *Essex*. O seu amigo Barzillai Ray perdera também ambos os pais. Owen Coffin e Charles Ramsdell tinham ambos perdido o pai. Podia ser este o elo mais forte que os unia: cada um deles, tal como tantos outros habitantes de Nantucket, era um órfão de pai para quem um oficial do navio podia vir a ser muito mais do que um exigente capataz; podia, muito possivelmente, vir a ser a primeira figura de autoridade masculina que os rapazes conheceriam.

Talvez nenhuma comunidade, antes ou depois, se encontrasse tão dividida pelo seu empenho no trabalho. Para um baleeiro e sua família, era um regime punitivo: dois ou três anos longe de casa, três ou quatro meses em casa. Com os homens afastados durante tanto tempo, as mulheres de Nantucket viam-se não só forçadas a criar os filhos, como também a gerir muitos dos negócios da ilha. Eram, em grande parte, as mulheres que mantinham a complexa rede de relações pessoais e comerciais que fazia funcionar a comunidade. J. Hector St. John de Crèvecoeur, cujas clássicas *Cartas de Um Lavrador Americano* descrevem a sua prolongada estada na ilha poucos anos antes do início da revolução, sugeriu que «a prudência e a boa gestão» das mulheres de Nantucket «lhes conferem o direito de serem colocadas num nível superior ao das outras esposas».

O quacrismo contribuiu para a força das mulheres. Com a sua ênfase na igualdade espiritual e intelectual dos sexos, a religião alimentou uma atitude que estava de acordo com o que todos os habitantes de Nantucket viam cabalmente demonstrado todos

os dias: que as mulheres, que em Nantucket tinham geralmente mais educação do que os homens da ilha, eram tão inteligentes e tão capazes quanto os seus parceiros masculinos.

Por necessidade e opção, as mulheres da ilha mantinham uma vida social ativa, visitando-se umas às outras com uma frequência que Crèvecoeur descreveu como incessante. Estas visitas implicavam muito mais do que a troca de simples bisbilhotices. Eram o quadro em que muitos dos negócios da cidade eram concluídos. A feminista oitocentista Lucretia Coffin Mott, que nasceu e cresceu em Nantucket, recordou como um marido que regressava de viagem ia por regra atrás da mulher, acompanhando-a às reuniões com as outras esposas. Mott, que acabou por se mudar para Filadélfia, comentou o quão estranha essa prática iria parecer aos olhos de qualquer pessoa do continente, onde os sexos se moviam em esferas sociais completamente distintas.

Algumas das esposas de Nantucket adaptavam-se bastante bem ao ritmo de ausências de três anos e três meses em casa da baleação. Eliza Brock, outra mulher de Nantucket, registou no seu diário aquilo que designou como «A Canção da Rapariga de Nantucket»:

Corro a casar com um marinheiro e a enviá-lo para o mar,
Uma vida independente é a vida de que vou gostar.
O seu rosto gostarei de olhar de vez em quando,
Que vejo sempre com masculina graça brilhando,
Com olhos escuros e doces e semblante aberto,
Oh, o meu coração bate por ele quando está perto.
Mas quando diz «Adeus amor, vou para o mar»,
Choro pela sua partida, mas logo rio por livre ficar.

O manto de poder e responsabilidade assentava nos ombros das mulheres de Nantucket no dia do seu casamento. «[A]inda mal tinham acabado a cerimónia», disse Crèvecoeur, «e já não aparentavam estar tão alegres e bem-dispostas; a nova posição que têm na sociedade enche-as de ideias mais sérias do que tinham antes... [A] nova esposa... gradualmente aconselha e dirige [a casa]; o novo marido depressa vai para o mar; deixa-a só, a aprender e exercer o governo da nova realidade em que se vê.»